

Educação na Rua

14 MAI 1987

A educação na rua, mobilizando as pessoas: podia ser um grande tema, um grande ideal. Mas o que temos hoje é a caricatura disso: uma "guerra civil" entre proprietários e usuários das escolas particulares, enquanto o ensino público dorme a sua santa modorra.

Reportagem da revista *Veja* acaba de abordar o mundo das universidades públicas. O tempo, ali, parece transcorrer do modo mais lento. Há quatro ou cinco alunos por professor, se se divide uma categoria pela outra — estatística que nem mesmo Estados Unidos ou Inglaterra poderiam apresentar. Nesses países desenvolvidos, a média é de 12 ou 13 alunos por professor.

É o Brasil mais rico que eles? Poder-se-ia chegar a essa conclusão vendo o movimento dos que, nas universidades oficiais, se mobilizam para defender esse caríssimo "ensino gratuito". O sistema parece beneficiar a todos os que estão lá dentro: para os alunos, é cômodo um ambiente onde a cobrança não existe em qualquer sentido, onde se pode levar oito ou nove anos para concluir o curso superior — pois o Estado paga. Para os professores, também é cômoda a situação: sendo tão numerosos, podem ausentar-se em grande número das salas de aula, os titulares substituídos pelos assistentes, estes pelos auxiliares e assim por diante...

Bem diferente é o quadro da educação particular, como transparece no noticiário desta semana. Em termos de ensino superior, o TRT tinha concedido aos professores piso de CZ\$ 150 por hora-aula e limitado a 60 (o que já é muito) o número de alunos por turma. As mantenedoras (proprietários) solicitaram efeito suspensivo à decisão do TRT, e apresentaram contraproposta: pagam 100 cruzados por hora-aula, e querem elevar a 100 o número de alunos por turma.

É uma diferença apocalíptica entre os dois mundos — de quatro ou cinco alunos por professor para 60 ou 100. O que prova o total descompasso da educação nacional. Se se joga o peso da responsabilidade sobre a escola particular, só vão sobreviver os "mercantilistas", através de expedientes como esses — elevar para 100 o número de alunos numa turma.

O jogo está totalmente viciado, pela promiscuidade entre ensino público e particular. E a opinião pública não sabe mais a quem cobrar. Vai para a porta das escolas particulares exigindo vistoria nos livros-caixa. Quanto ao ensino público, nenhuma cobrança. A universidade brasileira pode chafurdar na mediocridade; tudo o que seus usuários solicitam é que ela continue a ser gratuita. Enquanto isso, permanece uma miragem a oferta de ensino básico gratuito para a população carente. Não é o retrato de uma sociedade democrática.